

4º Colóquio de Moda – Feevale Novo Hamburgo/RS
Proposta de comunicação

A biografia cultural das roupas
The cultural biography of clothes

Rita Andrade

Faculdade de Artes Visuais/ Universidade Federal de Goiás

ritaandrade@hotmail.com

resumo

Roupas têm uma circulação social. As de tecido têm qualidades físicas que superam a longevidade do corpo humano, o que lhes permite transitar entre guarda-roupas, vestir muitos corpos, habitar novos territórios culturais. Esta comunicação apresenta formas sensíveis de vestir em que as roupas e não as pessoas sejam protagonistas de sua trajetória. Adulterações nos projetos originais de determinadas roupas colocam em xeque a idéia de hegemonia da moda e permitem pensar o “vestir” não apenas como uma prática que envolve corpos físicos, mas que se expande em versões inesperadas, inacabadas e imperfeitas da cultura.

palavras-chave

roupas; biografia; cultura material.

abstract

Clothes circulate in social spheres. Those made of fabrics have physical qualities that surpass the life of a single human body, which enable them to circulate through out different wardrobes and bodies, as well as to occupy new cultural territories. This paper presents sensitive ways in which dress, and not people, may be viewed as protagonists in history. Adulterations in original clothes question the idea of “fashion hegemony” and allow us to think about dressing not only as a practice of covering our bodies but also as other unexpected cultural practices.

keywords

dress; biography; material culture.

Rita Andrade é doutora em História pela PUC/SP e mestre em History of Textiles and Dress pela University of Southampton/Inglaterra. Coordena o curso de Design de Moda da Faculdade de Artes Visuais/Universidade Federal de Goiás. É membro do Conselho Editorial da revista dObras, participa de dois grupos de estudo inscritos no CnPq e tem artigos em publicações nacionais e estrangeiras. Seus maiores interesses de pesquisa estão em temas relacionados à roupas, tecidos, cultura material, coleções de indumentária e seu impacto sobre práticas culturais contemporâneas.

A biografia cultural das roupas

Rita Andrade

Este texto deriva de minha tese de doutorado defendida em junho de 2008 no Programa de História da PUC/SP. A tese intitulada ‘Boué Soeurs RG 7091’ concentrou-se na elaboração de uma biografia cultural de um único vestido que faz parte do acervo de indumentária do Museu Paulista da USP, em São Paulo. Nela a roupa, e não o sujeito, é protagonista da história de práticas de vestir, reformar e armazenar que colocam em xeque a idéia amplamente aceita na bibliografia especializada de uma dada “hegemonia da moda”.

Esta comunicação apresenta uma abordagem sobre a moda que, por protagonizar o objeto, repensa as premissas de um sujeito central das histórias e da cultura contemporânea.

Roupas são objetos que têm uma circulação social. Sua longevidade, geralmente maior que a humana, possibilita-lhes transitar por diversos espaços e tempos. Para pensá-las numa perspectiva cultural e histórica é necessário apreendê-los em contextos específicos já que sua condição circulante e suas inerentes qualidades deteriorantes deslocam-nas continuamente para novas situações, para novos estados¹. Parece-me, portanto, mais vantajoso pensar em **investigações** sobre a roupa como método de estudo e interpretação histórica no lugar de engessá-las na classificação que se fez delas no momento em que foram criadas, desprezando o seu itinerário, suas mudanças físico-químicas e suas implicações sobre os sentidos das roupas antigas na cultura contemporânea.

Investigar significa ‘seguir os vestígios’, ‘examinar com atenção’². Investigação do particular³, do singelo, é o que permitirá colocar em discussão algumas premissas de que o poder da moda e seus sistemas de produção e comunicação se impõem sobre outras formas

¹ Estado no sentido proposto por Deleuze (2001), de que o que está por vir (o devir) não é o vazio, mas algo revelado por potências pré-existentes.

² Significado encontrado em alguns dicionários, como em FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Nova Fronteira, 1993, 3ª ed., 5ª reimpressão.

³ Judy Attifield defende e explora alguns estudos de caso ou do ‘particular’ como um método justificável para entender o geral a partir do específico em estudos em cultura material. Ver ATTIFIELD, op.cit. p.90-4.

sensíveis de vestir. Estudar e interpretar aquilo que é possível entrever nas marcas e vestígios encontrados em roupas antigas (ou históricas) é um caminho para rever o lugar desses objetos na cultura contemporânea.

A roupa, ao menos determinadas roupas⁴, pode ser uma forma privilegiada de dar e fazer sentido do mundo. Ela permite entranhar a carne e a alma numa rede invisível de conexões humanas que ultrapassam a vulnerabilidade da matéria, posto que corpo e roupa estão submetidos às forças da degradação. A autonomia dos materiais como os tecidos, permite desdobramentos que ultrapassam o tempo da moda ou o tempo de uso do produto que dela deriva. Uma roupa, por exemplo, é feita de uma variedade de materiais têxteis, metálicos, vítreos, plásticos, enfim, a lista é extensa. Um vestido confeccionado com a seleção de determinados materiais articulados para constituir um determinado design é pensado para um fim e uma validade específicos, especialmente quando a roupa está inserida no sistema industrial e comercial da moda⁵. Nesse sistema, o vestido tem um tempo de “vida” que foi predeterminado porque deverá ser substituído por outros e novos modelos, estilos e articulações de materiais. O uso e reposição instantâneos nos levariam à hegemonia sufocante da moda.

A aparência – um dos territórios de maior ação da moda – e os sentidos a ela associados – o zelo, a preocupação, a insatisfação, a busca e o desejo – são condicionantes da qualidade da vivência humana. São questões e práticas que permeiam nossa existência, que agenciam nossas relações, enfim, são elementos da matéria, do sensível e do sentido. Desprezar a roupa como elemento constituinte e estruturante da cultura, do comportamento e das subjetividades é ignorar uma parcela significativa do sentido fazemos e damos ao mundo. A tradição filosófica ocidental que privilegiou a busca pela verdade que estaria por detrás da aparência imediata das coisas pode ter contribuído para a percepção de que a roupa (especialmente a de moda) fosse assunto menor e não devesse ser levado a sério (MONNEYRON, 2008: 11-12). A verdade – busca tradicional da filosofia e da história - estaria além da aparência, além da vestimenta.

⁴ Referimo-nos ao que Judy Attifield (2000:11-44) denominou “coisas com atitude”, isto é, o significado que é objetificado ou materializado através do design.

⁵ Sobre obsolescência programada ver Lipovetsky (1989).

Mas, ‘e se as aparências forem profundas?’ (MONNEYRON, 2008:12). Ao invertermos toda uma atitude filosófica em que a aparência é banalizada, poderemos pensar a roupa:

[...] não mais como potência de erro, mas como fôrma e matriz, não mais como elemento secundário, adicional, mas como elemento principal e criador, determinando tanto os comportamentos individuais como as estruturas sociais. Significa, em resumo, aceitar a aposta, e estaríamos mesmo tentados a dizer: “no começo era a roupa.

Colocar a roupa no centro de qualquer análise não significa fetichizá-la ou ocupar com ela o lugar da essência transcendental das coisas. Trata-se sim de iniciar um outro diálogo, de olhar o mundo de uma outra forma. A importância da roupa nas mudanças comportamentais já foi comprovada e ela chega a ser um elemento central em casos de travestismo ou transexualismo (MONNEYRON, 2008: 12). Apostamos, assim, numa investigação que inicia do objeto – a roupa - e num projeto de pesquisa que se expande a partir dele. Esta é, sem dúvida, uma aposta interpretativa, mas é também uma tentativa de respeitar e fazer uso dos atributos potenciais dos materiais. É uma maneira de pensar no “antigo” como agente da cultura contemporânea, deslocando as roupas históricas de seu já consagrado lugar no passado.

Estudar e interpretar roupas

Uma biografia pode se concentrar em inumeráveis eventos e questões. A biografia de um objeto não é muito diferente da biografia de uma pessoa. Ao escrevê-la é possível indagar: onde o objeto foi feito e por quem? Qual foi sua trajetória até agora e o que as pessoas imaginam como sendo a trajetória ideal para ele doravante? Quais são as idades reconhecíveis nesses objetos e quais as marcas culturais para cada uma dessas idades? Como o uso das coisas muda com o passar do tempo e o que acontece com elas quando a sua utilidade termina? Kopytoff (1986, 67) ilustra bem o processo ao descrever a biografia de uma cabana (hut) Suku no Zaire:

The typical biography of a hut begins with its housing a couple or, in a polygynous household, a wife with her children. As the hut ages, it is successively turned into a guest house or a house for a widow, a teenagers' hangout, kitchen, and, finally, goat or chicken house – until at last the termites win and the structure collapses. The physical state of the hut at each given age corresponds to a particular use. For a hut to be out of phase in its use makes a Suku uncomfortable, and it conveys a message. Thus, to house a visitor in a hut that should be a kitchen says something about the visitor's status; and if there is no visitor's hut available in a compound, it says something about the compound-head's character – he must be lazy, inhospitable, or poor.

A biografia das coisas pode elucidar o que seria, de outro modo, obscuro. O uso e a trajetória de um carro são vivenciados e percebidos de formas distintas em contextos culturais distintos. De qualquer forma, a biografia (de pessoas ou de objetos) será sempre parcial, porque será escrita sob determinados pontos de vista – pessoal, familiar, profissional, econômico, etc (KOPYTOFF, 1986: 68). No caso das roupas, por exemplo, uma biografia física (das matérias primas) seria diferente de uma biografia técnica (maquinário utilizado em sua fabricação ou habilidades manuais), que seria ainda diferente de sua biografia econômica: qual seu valor de mercado, seu custo de produção, etc. O estudo de uma roupa, como no caso do carro exemplificado por Kopytoff, pode oferecer uma série de biografias sociais, tais como o seu lugar dentro das relações familiares, seu papel nas relações da família com a sociedade, seu lugar na cultura atual.

Kopytoff explica que, independentemente do tipo de biografia a ser escrita, esta poderá ter ou não um viés cultural. Uma biografia econômica vista segundo uma perspectiva cultural, por exemplo, tratará seu objeto como uma entidade culturalmente construída, que recebe significados culturalmente específicos, classificados e reclassificados socialmente (1986, 68). É nesta perspectiva que Kopytoff propõe o seu método de análise não da mercadoria, mas do processo de mercantilização do objeto. Para Arjun Appadurai, nesse processo está incluso o objeto que já foi, mas não é mais uma mercadoria e que segue sua trajetória sob outros estados, tendo outras funções sociais, como é o caso de roupas que estão em acervos de museus⁶.

⁶ Talvez esta idéia devesse ser melhor explorada visto que o uso dos acervos em exposições e na produção intelectual poderá ser entendido em casos específicos como uma mercantilização desses objetos. Este deve ser assunto de outro estudo e não cabe aqui levantar tais questões.

Ao estudar vestidos que pertencem a acervos de museus, por exemplo, estamos lidando com objetos que já foram mercadoria de algum tipo, mas cuja trajetória os desviou da circulação de troca para outros tipos de circulação, como: vestir outros corpos (ou o mesmo corpo em outras épocas), atender às demandas de exposição e estudo da universidade a que pertence e a seus visitantes, entre outras coisas.

Ao analisar materialmente um vestido notamos que o que vai por debaixo dos panos, ou seja, o que está submerso sob camadas de tecidos não observáveis na superfície do design ou no contorno do desenho do vestido, era potencialmente revelador de um modo de vestir que não estaria necessariamente sujeitado a uma questão de gosto, mas sim das dinâmicas das mudanças sociais e pessoais ocorridas no cotidiano, acumulando vestígios temporais, espaciais, afetivos sobre as roupas.

O estudo minucioso de roupas que sobreviveram ao tempo e a condições adversas de várias naturezas, como o clima e a seleção feita para a formação de coleções têxteis e de vestuário, parece ser um modo promissor de evitar a propagação e continuidade dos mitos e estereótipos presentes na historiografia de moda. A análise de peças de vestuário que tenham sido representativas (e mesmo excepcionais) de distintos modos de vestir (da própria moda) pode lançar luz sobre aspectos sociais e culturais ainda pouco investigados.

A roupa não tem as mesmas propriedades que suas representações imagéticas, como a fotografia, por exemplo. A roupa, evidência da cultura material produzida nas relações marcadas pela moda, tem textura, cheiro, rasgos, manchas e vestígios de corpos que já a usaram como casca de sonhos, pele de inserção social, do pertencer aos tempos e espaços que contornam a sua trajetória.

Estudar um vestido ou qualquer outro objeto implica necessariamente conhecer e compreender os materiais de que é feito. Objetos tridimensionais são originalmente pensados e confeccionados com uma articulação (ou articulações) específica e suas partes podem ser constituídas de uma infinidade de materiais. Estudar objetos, como as roupas e

os tecidos de que são feitas, exige certas habilidades que diferem do modo de análise de outros tipos de documentos, como os textuais e iconográficos. Analisar um vestido não é o mesmo que analisar a sua fotografia, assim como não seria o mesmo analisar a sua descrição. O vestido enquanto objeto material, enquanto *coisa*, tem uma série de características que lhe são próprias, e cuja articulação constitui um artefato singular.

Os caminhos de pesquisa são intermináveis quando ela é iniciada pela análise e estudo de um objeto. Há que se determinar, portanto, *qual* caminho seguir, avaliando as muitas variáveis envolvidas nesse processo de pesquisa, especialmente, aquelas resultadas da observação - do que de fato está no objeto -, e dos interesses de estudo do investigador. Pesquisas que resultam da análise e interpretação de roupas e tecidos presentes na bibliografia especializada sinalizam a importância deste tipo de estudo para as áreas humanas (MILLER: 2007; PALMER: 2001; STEELE: 1998; McCracken: 1990).

As relações sentimentais entre as roupas e os sujeitos que as vestem determinam muitas vezes o destino desses objetos. Na Europa, por exemplo, mulheres ricas doaram roupas vestidas poucas vezes aos recém inaugurados museus da moda, como discutimos antes. Esta era uma forma de perpetuar o nome da mulher e de sua família na história social e cultural de sua sociedade já que as exposições se ocupariam de dar prestígio e lugar às roupas que vestiram seus corpos⁷.

Os museus ou as coleções de indumentária e tecidos no Brasil, pouco conhecidas, são muito recentes e raramente utilizadas em projetos de pesquisa. Isto, talvez, tenha colaborado a difundir a idéia de que no Brasil as roupas de mulheres ricas eram todas importadas, copiadas ou imitadas das modas estrangeiras. Este pressuposto, porém, não conforma com algumas peças que sobreviveram, como aquelas que estão no Museu Paulista. Vestidos de tecidos de algodão e linho, de confecção simples, acabamentos domésticos, e outros que foram descosturados e mantidos em partes separadas são evidências de que havia outras práticas de confecção e uso de roupas que iam da reforma à construção de novos modelos

⁷ A exposição Les Gardes-Robes do Musée de tissu e du costume no Louvre apresentou suas coleções através da exposição em forma de guarda-roupa de suas doadoras.

usando-se elementos das antigas mesclando-os a novos elementos.

Os tecidos são outro aspecto da cultura material que merecem mais investigação. A seda é o material por excelência da confecção de roupas de moda da década de 1920, mas os acervos de museus têm muitos vestidos de algodão, linho e lã que não receberam a mesma dedicação de pesquisa.

O estudo das roupas como a do vestido da maison Boué Soeurs investigado para minha tese - roto pelo suor de corpo, pela umidade e calor excessivos que vão operando sobre ele lentamente, silenciosamente - expõe a fragilidade da moda frente aos objetos que produz. As ações potencializadas pelo tempo e pela interferência dos sujeitos sobre materiais têxteis resistem à hegemonia do sistema da moda quando inventam soluções que dêem conta de modos sensíveis de vestir o corpo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Rita. *Boué Soeurs RG 7091: a biografia cultural de um vestido*. 2008. Tese (Doutorado) – Programa de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- ANDRADE, Rita. Por debaixo dos panos: cultura e materialidade de nossas roupas e tecidos. In: PAULA, Teresa Cristina Toledo de (Org.). *Tecidos no Brasil: museus e coleções*. São Paulo: Museu Paulista da USP, 2005, p.72-75.
- APPADURAI, Arjun (Ed.). *The social life of things: commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- ATTFIELD, Judy. *Wild things: the material culture of everyday life*. Oxford, UK: Berg, 2000.
- CALVINO, Ítalo. A combinatória e o mito na arte da narrativa. In: NASCIMENTO, Carlos Arthur R. do. *Atualidade do mito*. São Paulo: Duas Cidades, 1977. p. 75-80.
- CANCLINI, Néstor García. *Hybrid Cultures. Strategies for entering and leaving modernity*. London/Minneapolis: University of Minnesota Press, 1995.
- CARVALHO, Vânia. *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material*. São Paulo, 1870-1920. Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de

História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2005.

CUMMING, Valerie. *Understanding fashion history*. London: Batsford, 2004 (1. ed.1996).

De La HAYE, Amy; WILSON, Elizabeth (Ed.). *Defining dress: dress as object, meaning and identity (studies in design and material culture)*. Manchester, UK: Manchester University Press, 2000.

DELEUZE, Gilles. *Empirismo e subjetividade : ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. Tradução: Luiz L. B. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2001.

DRUMMOND, Carlos. Caso do vestido. *A rosa do povo*. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007. p. 96-103.

DURBIN, Gail; MORRIS, Susan; WILKINSON, Sue. *A teacher's guide to learning from objects*. English: Heritage, 1990 (Apostila da exposição "Formas de Humanidade": Treinamento para Professores. São Paulo: MAE, Universidade de São Paulo, 1999).

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. Tradução: Rosa Freira d'Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras et al. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

KOPYTOFF, Igor. *The cultural biography of things: commoditization as process*. In: APPADURAI, Arjun (ed.). *The social life of things: commodities in cultural perspective*. Cambridge University Press, 1986.p. 64-91.

McCRACKEN, Grant. *Culture and consumption*. Bloomington: Indiana University Press, 1990.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Museus históricos: da celebração a consciência histórica. In: _____. *Como explorar um museu histórico*. São Paulo: Museu Paulista, Universidade de São Paulo, 1992. p. 7-10.

MILLER, Daniel (Ed.). *Material cultures: why some things matter*. Londres: University College London, 1998.

MONNEYRON, Frédéric. *A moda e seus desafios: 50 questões fundamentais*. São Paulo: Senac, 2008.

- PAULA, Teresa Cristina Toledo de. *Tecidos no Brasil: um hiato*. 2004. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.
- PAULA, Teresa Cristina Toledo de (Org.). *Tecidos no Brasil: museus e coleções*. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 2005.
- PRECIOSA, Rosane. *Rumores discretos da subjetividade*. São Paulo, 2002. Tese (Doutorado) – Departamento de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.
- PROWN, Jules. Mind in matter: an introduction to material culture theory and method. In: PEARCE, Susan M. (Ed.). *Interpreting objects and collections*. Londres: Routledge, 1994. p. 133-138.
- REIS, Claudia Barbosa. *Indumentária: estudo do acervo do Museu Casa de Rui Barbosa – II*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999.
- ROCHE, Daniel. *Cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)* São Paulo: SENAC, 2007.
- ROSE, Mary B. *The Lancashire cotton industry: a history since 1700*. Lancashire County Books, 1996.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995b.
- STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*. 2. ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- TAYLOR, Lou. *The study of dress history*. Manchester: Manchester University Press, 2002.
- TAYLOR, Lou. *Establishing dress history*. Manchester: Manchester University Press, 2004.
- WITTER, José Sebastião (Coord.); BABUY, Heloisa Barbuy; LIMA, Solange Ferraz de Lima (Org.). *Acervos do Museu Paulista/USP*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1999. 128 p. il.